

COMPOSITA SOLVANTUR – DE UMA CERTA CARTOGRAFIA LITERÁRIA BRASILEIRA

Antonio Maura (2014)
Cartografía literaria de Brasil
(Madrid: Ambulantes, Col. Equipaje de mano, 2)

O escritor bilbaíno Antonio Maura, sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras e (re)conhecido pelo seu ingente labor de intervenção e divulgação da literatura brasileira em âmbito académico espanhol (e não só), publicou em 2014 um livro tão formalmente elegante e proveitosamente necessário, quão plural nos seus conteúdos e sugestivo na vária matéria que foca.

Como intitula a excelente escritora cearense Ana Miranda as suas elucidativas páginas prologais, trata-se de «[]a cartografía personal de un poeta», presidida, *inter alia*, pela voluntarista ideia, explicitada no final da sucinta introdução autoral, de que «Brasil es una muestra perfecta de que las culturas y los pueblos del mundo pueden convivir y deben hacerlo». Isto é, entre os muitos possíveis, assistimos a um preciso levantamento topográfico-literário de marcantes «historias de Brasil», alicerçado tanto em experiências amicais e vivências pessoais, como em apaixonadas leituras, lúcidas reflexões e escolhas particulares.

A voz crítica do autor apresenta dezanove digressões de carácter ensaístico-interpretativo, de tom poético-reflexivo e/ou de teor cronístico-evocador, de dessemelhante extensão e diversificada intenção, que, salvo em dois casos — um ampliado e outro revisto —, reproduzem os textos já divulgados ou publicados entre 1997 e 2013.

Concordando com o flaubertiano princípio de não serem as pérolas as que fazem o colar, mas sim o fio que as une, diga-se de passagem que, à revelia da isolada origem dos diferentes artigos, se pode enxergar, aos poucos, o fio condutor que os estrutura. Após uma relacional leitura seriada, conseguimos entrever o conjunto da praia discursiva na justaposição dos textuais grãos de areia, alcançando agora uma nova dimensão, derivada da transitividade entre capítulos e produzida pela geração de harmónicos entre eles e os implícitos núcleos em que se inserem.

No condensado ensaio «Machado de Assis y sus máscaras», centrado nos diferentes estratos dessa atrativa figura e nas entrecruzadas camadas da sua ímpar obra narrativa, retrata-se com distinção o escritor, a pessoa e a *persona*, e defende-se que, nos seus ilustrados e filosóficos romances de maturidade, o «bruxo de Cosme Velho» introduzia um «afán moralista unido a un humor de gran finura [que] le permitió configurar unas historias que siendo atractivas al lector, son hondamente perturbadoras al sacar a la luz los graves conflictos, contradicciones y miserias humanas», atrapando «al lector contemporáneo, aturdido frente a la incerteza de lo humano y de su trasfondo simbólico o metafísico».

O segundo e mais dilatado estudo, «Capitu, retrato de una Gioconda brasileña», concentra-se no esfíngico enigma dessa paradigmática personagem do romance *Dom Casmurro*, focando a «capacidad de seducción» e «mistério» da ambígua protagonista e sustentando o caráter banal e indiferente da sua (im)possível inocência ou culpabilidade: «[l]a verdad de los hechos no interesa, lo que realmente importa es la apariencia, lo que no se menciona pero se sugiere».

Por sua vez, na «Crónica de un encuentro entre Rubén Darío y Machado de Assis», procede-se à reconstrução ficcional e enriquecedora das sombras de um acontecimento, fabulando *ad hoc* o possível encontro entre um jovem, otimista e impulsivo Rubén Darío e um velho e sereno Machado, em silente companhia, passeando no Jardim Botânico de um Rio de Janeiro de 1906. A «crônica imaginativa» trata de substituir assim o silêncio documental e o apagamento informativo no tocante a um encontro que, com certeza, se produziu, partindo apenas do poema rubeniano «A Machado d'Assis», recompilado postumamente, em 1916, dez anos depois daquela tarde no «divino Rfo».

Atente-se a que, apesar das suas notórias diferenças, esses três primeiros contributos — e, por extensão, todos os restantes — estão unificados por um mesmo modo dúbio e autoquestionador, finalizando com perguntas, por vezes retóricas, que fogem do modo assertivo, num autêntico elogio de uma crença vacilante: dúvida, aliás, filtrada pela emissão de exigíveis juízos de valor no teor assertivo presente no discorrer da obra. Optando por uma canônica opinião comunal, relativamente à historicidade da avaliação crítica de consenso, Moura situa-se, de preferência, no espaço prescritivo de aquilo que é hoje a literatura brasileira, assumindo apenas de maneira muito ocasional a mais arriscada posição preditiva do que será.

Nestes parâmetros, a leitura continua com duas aproximações a outra figura referencial: a do exame geral de «[l]os nombres de Clarice Lispector» e a da

análise particularizada da sua extraordinária novela «Água viva, representación del paraíso y del caos» com a «cuarta dimensión de la palabra [de que] habla y se habla». A revisão nominal busca os significados e os sentidos de «[s]us novelas y cuentos [que] están hechos de impresiones, de sensaciones, de sentimientos, que cualquier anécdota de la vida cotidiana puede provocar», pois na Obra-Vida clariceana «las reflexiones más profundas, más intensas de su obra versan sobre la vida». Por sua vez, na mítico-poética análise de *Água viva* — água do mundo mineral, mas também, da omnipresente animalidade —, utiliza-se o pensamento analógico e transitivo, deslocando-se do *Génesis* e do cabalístico *Zohar* ao cósmico mar e à física teórica e às reflexões filosófico-científicas de David Bohm, no âmbito do einsteiniano relativismo espaciotemporal.

Destarte, o ensaio, pode exemplificar o gosto pela amálgama com o intuito de ultrapassar (completando-a) a leitura «feminista» que a *différentialiste* Hélène Cixous aplicou ao *s'écrire* clariceano, como padrão de afirmação do feminino e da *écriture «insurge»*. Amplificação, aliás, retomada, a respeito das pertinentes coincidências e paralelismos entre as escritas de Clarice e Lygia Fagundes Telles, nas matizações também presentes, sobre a referencial escritora paulistana, em «Una difusa imagen en el espejo». Na sequência dessa análise da autoria feminina do *escribir* feminino como uma real prática do *inconnu* rimbaudiano por vir, são revisitados, na sua contextualização histórico-social, o *continuum* especular dos três romances de formação e iniciação lygianos: a repetição de personagens, temas ou motivos testemunhais, assim como a perturbadora trajetória escritural *in progress* que, após os excelentes *Verão no aquário* e *Ciranda de pedra*, eleva o romance *As meninas* a incomum *opus magnum*.

Esta presença maioritária do ficcional segue com a focalização do identitário brasileiro como fio condutor do panorama de cinco «[n]ovelas fundacionales en la literatura brasileña del siglo xx»: «las raíces de su identidad mestiza» e a alegre representação simbólica do «caos psicológico del pueblo brasileño», na modernista *Macunaíma*, o *herói sem nenhum caráter*, do paulistano Mário de Andrade; o Sertão e Riobaldo como incertos modelos e símbolos brasileiros, na «obra abierta» e plurissignificativa de um regionalismo-outro, *Grande sertão: veredas*, do mineiro Guimarães Rosa, «que es una confesión, un tratado de filosofía y un texto de iniciación mística»; a visão cósmica do ser humano brasileiro, no romance fragmentário e experimental *Avalovara*, do pernambucano Osman Lins, que «no se resume a una simple crónica amorosa: es también una reflexión sobre la vida y sus respectivas sombras —la soledad, la muerte— al tiempo que una teoría de la novela y del cosmos»; a ambivalência

da amálgama entrecruzada, resultante da maciça imigração ao Brasil, e do império de uma frustrante realidade que se impõe aos protagonistas galegos da saga ficcional *A república dos sonhos*, da carioca de origem galega Nélide Piñon; e, por último, «el espíritu antropofágico» simbolizado harmonicamente pelo caboclo Capiroba no ambicioso romance (ultra)histórico da ilha de Itaparica *Viva o povo brasileiro*, do baiano João Ubaldo Ribeiro.

«La juventud inagotable de Jorge Amado» e «Novela y fábula em João Ubaldo Ribeiro: revisión de la Historia de Brasil» são dois ensaios que convergem na revisão e na apaixonada reivindicação destes dois narradores. No primeiro, em relação ao coerente «periplo vital y literário» do fabuloso fabulador de *Gabriela, cravo e canela*, explicita-se o como este «novelista de su pueblo y para su pueblo» — ora referencial «hombre-leyenda» baiano, ora pioneiro e inigualável criador de personagens — «defendió el mestizaje, porque el mestizo preserva las diferencias en sí mismo y las concilia». No segundo ensaio, em relação à figura e à ficção do autor de *A casa dos budas ditosos*, ressalta-se «su voluntad de enseñar entreteniendo», «su enorme capacidad imaginativa y su potencia mítico-burlesca propia de un Homero», na construção de «un friso narrativo de incalculable fuerza mítica» e na reinvenção linguística que o alimenta e conforma.

Os cinco textos seguintes, de menor extensão, visam outros temas e escritores, relevantes e (re)conhecidos, da segunda metade do passado século e do atual: o manauense Milton Hatoum e as diversificadamente afluentes «Imaginación y memoria», basilares nos seus quatro primeiros romances; «La voz de João Gilberto Noll» na alucinada esteira do autor gaúcho em relação às obras de Clarice Lispector e Rubem Fonseca; «La novela musical de Chico Buarque» e, na ficção *Leite derramado*, o seu contrastivo diálogo familiar com o pai, Sérgio Buarque de Holanda, com a imensa sombra machadiana do narrador desconfiável e do casmurrianismo; o lugar da autora na feliz reinvenção a partir das suas opções no interior da melhor tradição ficcional, em «Prisioneros del lenguaje y del tiempo (narrativa de Ana Miranda)»; e, por fim, em «Ruffato y Salem Levy: sueños y pesadillas en el Brasil del s. XXI», quer os seus discursos narrativos (para)mimetizantes e alternativos ao realismo-outro e ao memorialismo *tout court*, quer a recuperação de um distintivo diálogo com as suas respetivas ascendências italiana e turco-judaica.

Trata-se de um «passar a limpo» apuradas leituras reivindicativas do crítico, em interpretativas aproximações, esclarecedores apontamentos e depoimentos pessoais a respeito da ‘presença’ de cada uma das diversificadas escritas

e perfis autorais visados nos dois sentidos possíveis do presencial: manifestar e justificar a sua 'relevância' na literatura brasileira e fixar a memória do seu deslocamento interventivo a Espanha, de que o escritor bilbaíno foi promotor e continua a ser privilegiada testemunha.

Nos últimos cinco escritos com que se encerra o livro, poderemos acompanhar um saber insular que, gradualmente, se torna saber de arquipélago, com os espaços de sombra do interligado discurso crítico e da relacional digressão evocativa. Trata-se agora, por um lado, da crónica explicativa de poetas (e obras) e lugares (e testemunhos): já a revisada e reintitulada «La Sevilla de João Cabral» e a sua importância na génese dos poemários *Sevilha andando* e *Andando Sevilha*, já a fascinante e liricamente informativa «Rosa Chacel y Francisco Ayala en Río de Janeiro». Por outro lado, assistimos a novas 'presenças' sugestivamente rememoradas, reproduzidas e (re)experimentadas *in vivo* sobre as visitas a Espanha dos poetas Lêdo Ivo e Ferreira Gullar. Finalmente, usufruímos do excelente ensaio «Pinturas, libros y poemas: João Cabral en Barcelona (1947-1950)», que, acreditamos, melhor resume os sentidos que, na sua confluência, estruturam e edificam, literária e criteriosamente, o volume. Este valioso e ponderativo estudo, põe em foco «los textos cabralinos, escritos entre finales de los años cuarenta y comienzos del cincuenta», importantes para a (est)ética do poeta pernambucano, assim como para o ímpar círculo vanguardista e plástico-literário em que se moveu, e que (o) influenciou, em Barcelona.

Para finalizar, afirmamos que, com diferenças de grau e doseamento, todos e cada um dos dezanove ensaios explicam e significam também nos termos de outra coisa — da analogia musical, fílmica, artística ou ensaística da vasta enciclopédia cultural do estudioso basco —, utilizando o modo retórico-interrogativo ou (auto)indagador, o recorrente *leitmotiv* e as relações que, espiralada e constantemente, retornam de um ensaio para outro. De facto, adotando de Montaigne a produtiva ambiguidade do seu aforístico *nous pensons toujours ailleurs*, Maura complementa e ilustra o seu coerente e sinuoso discurso crítico tanto com o *penser à autre chose*, como, através de outras fórmulas ou modalidades, com a mesurada canibalização do pensamento alheio. Na verdade, diga-se também, é essa, talvez, a única maneira geradora de complexos e completos sentidos relativamente à singular pluralidade da(s) literatura(s) brasileira(s), pois dissolver o compósito, perseguir a miragem do *diktat* alquímico *composita solvantur* é um bom modo de enfrentar o paradoxo que deseja apreender esta entrelaçada miscelânea.

Enfim, cientes de que este livro — que aqui, infelizmente, apenas radiografamos na medida do (im)possível — *só lido* na íntegra poderá devir efetivamente *sólido*, acreditamos que as díspares leitoras e os heterogêneos leitores conseguirão *descobrir* mais um pouco do ingente fascínio da literatura brasileira e, não menos, do encantatório, diverso e contraditório país que a origina e sustém.

ALVA MARTÍNEZ TEIXEIRO
Universidade de Lisboa
alvanteixeiro@campus.ul.pt